
UM PANORAMA REGIONAL DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL — 1980-90

*Míriam Jardim Kuhn**

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo traçar um panorama regional das cooperativas de produção no Rio Grande do Sul, levando em conta o desenvolvimento do setor agrícola e o conseqüente processo de expansão das agroindústrias gaúchas no período 1980-90. Busca-se encontrar, dessa forma, evidências sobre a importância do fortalecimento do sistema cooperativo como instrumento de otimização da produção, da comercialização, do desenvolvimento setorial e de distribuição de renda.

Para tanto, são apresentados alguns aspectos informativos acerca da formação sócio-econômica do cooperativismo no RS, inter-relacionada com as participações de outros agentes da economia como o Estado e as agroindústrias. Essa análise constituir-se-á em amparo fundamental ao objetivo deste estudo e será feita com base em informações extraídas dos relatórios da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (OCERGS)¹ e da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul (FECOTRIGO).

1 - Alguns aspectos da formação sócio-econômica do cooperativismo no RS, no período 1980-90

A formação do cooperativismo de produção pode ser analisada segundo a dinâmica econômica do setor agropecuário no Estado, igualmente vinculada às atividades dos demais agentes envolvidos na produção agrícola, como as agroindústrias e o Governo, através das medidas de políticas públicas dirigidas ao setor.

* Economista da FEE.

A autora agradece a Elvin Fauth e a Jorge Accurso pelos comentários e sugestões.

¹ A OCERGS, órgão representativo do sistema cooperativista gaúcho, integra todos os ramos das atividades cooperativistas e tem a finalidade de representá-los junto à Organização das Cooperativas Brasileiras.

Com a modernização do campo e a conseqüente integração de boa parte da produção agrícola aos complexos agroindustriais, as cooperativas, além de estarem historicamente voltadas para a comercialização, fizeram-se presentes nos setores de produção de insumos, de armazenagem, de transformação dos produtos, de distribuição e de difusão de tecnologias agropecuárias.

As cooperativas empresarialmente mais desenvolvidas e integradas ao complexo agroindustrial fundamentaram-se, em sua maioria, no processo de centralização da comercialização por meio da reunião de cooperativas singulares em federações e centrais², no intuito de obter economia de escala, maior poder de negociação no mercado, participação na industrialização e, enfim, maior agregação de valor. Dentro desse sistema, com efeito,

"(...) vigorava uma divisão institucional do trabalho, onde as cooperativas singulares atuavam na área de produção industrial e comercialização da produção primária e de produtos beneficiados, enquanto a Federação lhes daria apoio técnico e político para a consecução de seus objetivos sociais" (Benetti, 1992).

A análise do desenvolvimento das cooperativas de produção, que será feita segundo a dinâmica da agropecuária, tem nesse setor quatro grandes grupos de produtores, conforme classificação de Garcia (1993). O primeiro é composto pelos produtores da lavoura empresarial — soja, trigo e arroz —, com técnicas avançadas de produção, utilização de insumos modernos, máquinas e trabalho assalariado, sendo o mercado o mote de sua produção. No segundo grupo, estão aqueles agricultores cujas atividades se relacionam diretamente com a agroindústria, utilizando-se, em sua maioria, de modernas técnicas de produção; é o caso das culturas de uva e de fumo, da criação de gado leiteiro, de suínos, de aves e do cultivo paralelo de outros produtos e/ou da criação de animais para autoconsumo familiar. O terceiro grupo é constituído de pequenos agricultores dedicados a várias culturas, sendo uma ou mais vinculadas ao mercado — milho, feijão, mandioca, batata-inglesa, caña-de-açúcar e cebola. Finalmente, o quarto grupo é o segmento relativo aos produtores da pecuária extensiva — bovinos e ovinos —, baseado nas grandes propriedades rurais e que não faz uso de modernas técnicas de produção.

A partir dessa classificação, relacionaram-se as principais atividades das cooperativas através de critérios de ocupação destas no Estado. Para tanto,

² Por cooperativa singular compreendem-se "(...) as constituídas pelo número mínimo de 20 (vinte) pessoas físicas, sendo excepcionalmente permitida a admissão de pessoas jurídicas que tenham por objeto as mesmas correlatas atividades econômicas das pessoas físicas ou, ainda, aquelas sem fins lucrativos.

"As cooperativas centrais ou federações de cooperativas são as constituídas de, no mínimo, 3 (três) singulares, podendo excepcionalmente, admitir associados individuais." BRASIL. Leis, decretos, etc... Lei 5.764 de 16/12/71, cap.3, art.6, parágr. 1 e 2).

utilizaram-se indicadores como o número de cooperativas e de associados, distribuição dos associados por dimensão da propriedade e o tipo de produto comercializado e/ou beneficiado por mesorregião³.

Pelos levantamentos realizados pela OCB, em 1989, estavam cadastradas no Rio Grande do Sul 186 cooperativas de produção agropecuária. Na Tabela 1 e no Mapa 1, pode-se observar a distribuição dessas cooperativas de produção por mesorregião e segundo os principais produtos comercializados: agrícolas mistas (soja, milho, trigo, fumo, cevada, etc.), vinícolas, rizícolas, de lãs, laticínios e de carnes.

Tabela 1

Número e participação percentual das cooperativas de produção, segundo os principais produtos, por mesorregião, no Rio Grande do Sul - 1988

MESORREGIÕES	TOTAL		AGRÍCOLA MISTA		VINÍCOLAS		RIZÍCOLAS	
	Número	%	Número	%	Número	%	Número	%
Noroeste Rio-Grandense	49	26	48	98	-	-	-	-
Nordeste Rio-Grandense	37	20	12	32	22	59	-	-
Centro Ocidental Rio-Grandense	18	10	13	72	1	6	1	6
Centro Oriental Rio-Grandense	11	6	7	64	-	-	-	-
Metropolitana de Porto Alegre	30	16	14	47	-	-	11	37
Sudoeste Rio-Grandense	28	15	9	32	-	-	5	18
Sudeste Rio-Grandense	13	7	4	31	-	-	4	31
TOTAL	186	100	107	58	23	12	21	11

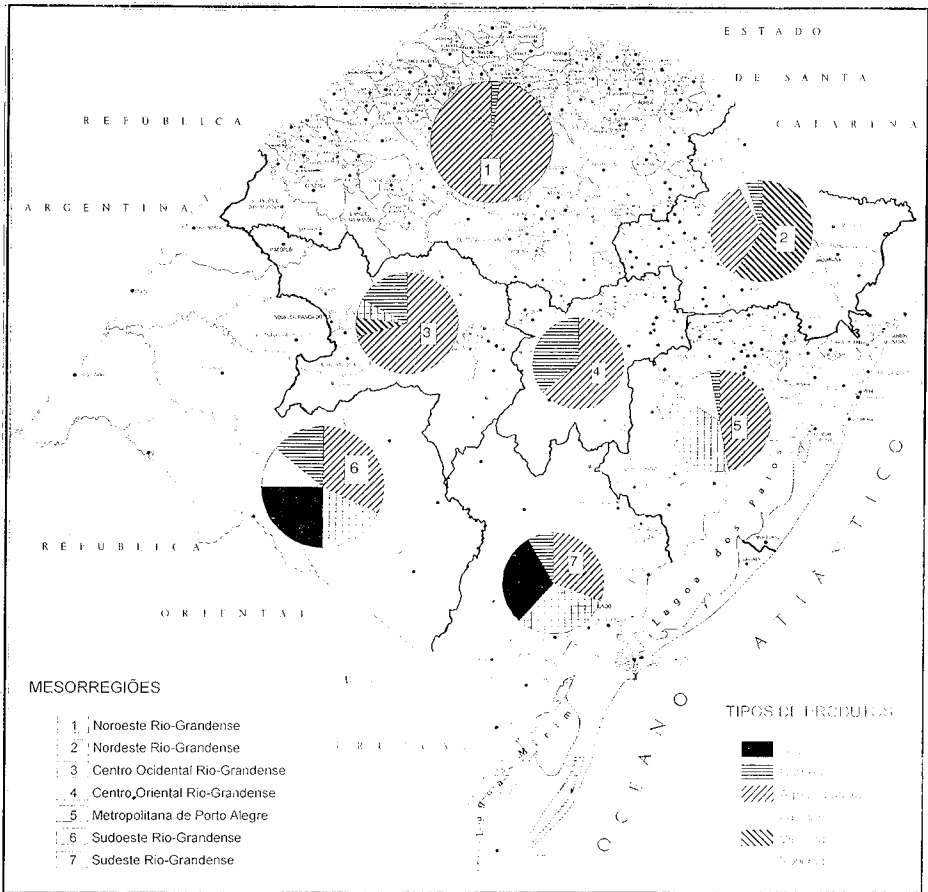
MESORREGIÕES	DE LÃS		DE LATICÍNIOS		DE CARNES	
	Número	%	Número	%	Número	%
Noroeste Rio-Grandense	-	-	-	-	1	2
Nordeste Rio-Grandense	-	-	1	3	2	5
Centro Ocidental Rio-Grandense	-	-	-	-	3	17
Centro Oriental Rio-Grandense	-	-	-	-	4	36
Metropolitana de Porto Alegre	-	-	4	13	1	3
Sudoeste Rio-Grandense	7	25	3	11	4	14
Sudeste Rio-Grandense	4	31	-	-	1	8
TOTAL	11	6	8	4	16	9

FONTE: OCEGRS.

³ A área sob ação das cooperativas no Estado foi dividida em sete mesorregiões, a partir do documento do IBGE **Divisão Territorial do Brasil** (1990). Inicialmente, pensou-se em trabalhar os dados por municípios, situando as cooperativas e a produção comercializada conforme a sua sede. Porém, como o fluxo da produção dos associados com destino às cooperativas ocorre independentemente de fronteiras, isto é, produtores de um ou de vários municípios entregando a sua produção em uma ou em várias cooperativas, isso dificultaria a análise com outros indicadores, como população, renda, etc., pois super ou subavaliar-se-ia qualquer resultado.

MAPA 1

DISTRIBUIÇÃO DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO, POR MESORREGIÕES, NO RIO GRANDE DO SUL



As cooperativas distribuem-se, em sua maioria, nas mesorregiões Noroeste Rio-Grandense (26%), Nordeste Rio-Grandense (20%) e Metropolitana de Porto Alegre (16%). Em grupos menores, estão as cooperativas situadas no Centro Ocidental e no Oriental Rio-Grandense que representam 10% e 6% respectivamente, e no Sudoeste e no Sudeste Rio-Grandense, onde somam 15% e 7% do total do Estado respectivamente.

Na Mesorregião Noroeste, concentra-se o maior número de cooperativas cujos associados apresentam uma maior dinamicidade econômica e social. Encontram-se, conforme a classificação utilizada para o setor da agricultura, no primeiro grupo — arroz, soja e trigo — as cooperativas que desenvolvem atividades provenientes de lavouras mecanizadas de produtos de exportação (soja), e no terceiro grupo — milho, feijão, mandioca, batata-inglesa, cana-de-açúcar e cebola — as que representam as pequenas propriedades, baseadas no trabalho familiar e na diversificação de culturas para abastecimento do mercado interno. Como motivos do surgimento de um forte sistema de cooperativas nessa mesorregião, podem-se citar a estrutura fundiária caracterizada pelas pequenas e médias propriedades e a capacidade de infra-estrutura de um modo geral.

Outra mesorregião importante é a do Nordeste Rio-Grandense, onde ocorre uma alta incidência de cooperativas ligadas à comercialização de produtos diversificados, cujas atividades — classificadas no segundo grupo de produtores — se relacionam direta e fortemente com a agroindústria, como é o caso das vinícolas, da agricultura mista, dos laticínios e das carnes. Nessa mesorregião, também há cooperativados que desenvolvem produtos menos integrados ao mercado, como a fruticultura e os hortigranjeiros, restando boa parte da produção para o autoconsumo. Sua estrutura fundiária é caracterizada pelo predomínio das pequenas e médias propriedades.

Cabe referir a participação das cooperativas de produção das Mesorregiões Ocidental e Oriental Rio-Grandense na comercialização e no beneficiamento de arroz, de soja, de trigo e de carnes. A estrutura fundiária dessas mesorregiões é de pequenas, médias e grandes propriedades rurais, situando-se os associados principalmente nas primeiras. Conforme a classificação dos grandes grupos de produtores agropecuários, os cooperativados enquadram-se no primeiro e no terceiro grupo, isto é, utilizam-se de modernas técnicas de produção e de trabalho assalariado e, como pequenos agricultores, dedicam-se às várias culturas, sendo uma ou mais vinculadas ao mercado.

Os associados das cooperativas localizadas na Mesorregião Metropolitana concentram suas atividades no desenvolvimento da agricultura mista, na rizicultura e na pecuária leiteira. É importante salientar que o espaço regional é bastante diversificado pela ocorrência simultânea, em muitos municípios, de atividades referentes à indústria e aos serviços. Nesse sentido, a dimensão das propriedades dos associados obedece a uma ocupação basicamente voltada às pequenas e às médias propriedades com técnicas modernas de

produção, no caso das rizícolas, e de pequenos agricultores que se dedicam à várias culturas, sendo uma ou mais vinculadas ao mercado.

Na Mesorregião Sudeste Rio-Grandense, onde as propriedades são, em sua maioria, de médias e grandes extensões, localizam-se as cooperativas de produção agrícola mista e as rizícolas mecanizadas, que são as atividades mais importantes, seguidas da de lãs.

Finalmente, a Mesorregião Sudoeste tem como característica principal o predomínio das grandes propriedades agropecuárias. A dimensão da propriedade dos associados das cooperativas acompanha essa estrutura, com uma maior incidência de estabelecimentos ligados à produção de arroz, ao tratamento de lãs, a laticínios e a carnes.

A composição do quadro de estabelecimentos filiados às cooperativas, conforme os dados do **Censo Agropecuário de 1985**, mostra que, nos grupos de produtores de pequenas e médias propriedades, o cooperativismo é mais forte do que nos estabelecimentos de grandes extensões rurais. Dos 181.777 estabelecimentos com menos de 10ha, 19,4% eram de sócios de cooperativas e, num total de 279.340 estabelecimentos com tamanho de 10 a menos de 100ha, o percentual subiu para 67,5%, indicando que o potencial de utilização do cooperativismo ocorre preferencialmente nas pequena e média propriedades (Tabela 2).

Conforme pesquisa desenvolvida pela FECOTRIGO⁴ junto às cooperativas, é maior a ocorrência de propriedades associadas entre as de 10 a 50 hectares, confirmando a distribuição acima (Tabela 3).

Apesar de as cooperativas estarem concentradas principalmente nas mesorregiões anteriormente citadas, onde é colhida grande parte da produção gaúcha de trigo e soja, já não ocorre uma posição a favor da monocultura. Ao contrário, mesmo que esses produtos continuem hegemônicos, a tendência é a de uma contínua diversificação a par da atividade comercial, o mesmo ocorrendo nas outras grandes regiões. Grande parte desses produtores dedicam-se ao cultivo paralelo de outros produtos e/ou à criação de animais para autoconsumo ou para servir de insumo à produção destinada ao mercado.

Finalmente, ao analisar-se o número de associados ao cooperativismo no Estado, observou-se uma tendência de redução desse indicador no período: de 314.900 associados em 1982 passou para 283.517 em 1989, portanto, uma redução de 10%. Os motivos podem estar vinculados, principalmente, a dois fatores: às mudanças verificadas nas políticas públicas, que diminuíram o apoio dado à agricultura, como a ausência de preços mínimos compensadores e a retirada dos estímulos creditícios e dos subsídios; e, de outro lado, à crise econômica e à

⁴ Conforme pesquisa realizada pela FECOTRIGO em 1992, o perfil do sistema contava com os seguintes dados: eram filiadas 70 cooperativas e 202.000 associados, o que corresponde a 40% e 71%, respectivamente, do total de cooperativas e de associados à OCERGS.

conseqüente insolvência de algumas cooperativas em função de problemas financeiros e administrativos enfrentados na presente década. Houve um esgotamento do modelo de desenvolvimento, e o cooperativismo vem sofrendo adaptações, a fim de suportar as exigências de um mercado competitivo, liderado por corporações de capital altamente concentrado. Muitas cooperativas, sem terem equacionado seus endividamentos e enfrentando problemas para modernizar seu sistema de gestão, passaram a sentir os reflexos da redução do apoio dado pelo Estado e da maior rigidez dos bancos para a concessão de novos empréstimos.

Tabela 2

Estabelecimentos associados a cooperativas, segundo grupos de área total no Rio Grande do Sul - 1985

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	ESTABELECEMENTOS		ESTABELECEMENTOS DE ASSOCIADOS DE COOPE- RATIVAS DE COMERCIA- LIZAÇÃO	
	Número (A)	%	Número (B)	%
Menos de 10	181 777	36,5	37 886	19,4
10 a menos de 100	279 340	56,2	131 543	67,5
100 a menos de 1 000 ..	32 133	6,5	22 192	11,4
1 000 a menos de 10 000	3 313	0,7	2 749	1,4
10 000 e mais	16	0,0	11	0,0
Sem declaração	593	0,1	226	0,1
TOTAL	497 172	100,0	194 950	99,8

GRUPOS DE ÁREA TOTAL (ha)	B/A	PERCENTUAL DE ESTABELECEMENTOS ASSOCIADOS SOBRE O TOTAL DE ESTABELECEMENTOS
Menos de 10	20,80	7,6
10 a menos de 100	47,10	26,5
100 a menos de 1 000 ..	66,98	4,5
1 000 a menos de 10 000	83,00	0,6
10 000 e mais	68,80	0,0
Sem declaração	38,11	0,1
TOTAL	39,21	39,3

FONTE: CENSO AGROPECUÁRIO 1985: Rio Grande do Sul (1990). Rio de Janeiro: IBGE.

Tabela 3

Distribuição percentual dos associados nas cooperativas filiadas à FECOTRIGO, por dimensão da propriedade rural, no Rio Grande do Sul - 1991

MESORREGIÕES	ATÉ	DE 5	DE 10	DE 20	DE 50
	5ha	A 10ha	A 20ha	A 50ha	A 100ha
Noroeste Rio-Grandense	13	19	28	21	9
Nordeste Rio-Grandense	10	10	12	16	18
Centro Ocidental Rio-Grandense	11	18	26	25	8
Centro Oriental Rio-Grandense	5	12	35	27	14
Metropolitana de Porto Alegre	9	18	48	17	6
Sudoeste Rio-Grandense	5	9	12	18	24
Sudeste Rio-Grandense	10	12	15	8	13
Média por mesorregião	9	14	25	19	13

MESORREGIÕES	DE 100	DE 200	DE 500	MAIS
	A 200ha	A 500ha	A 1 000ha	DE 1 000ha
Noroeste Rio-Grandense	5	3	1	0
Nordeste Rio-Grandense	25	8	2	1
Centro Ocidental Rio-Grandense	5	3	3	1
Centro Oriental Rio-Grandense	4	2	1	0
Metropolitana de Porto Alegre	1	0	0	0
Sudoeste Rio-Grandense	11	10	5	7
Sudeste Rio-Grandense	12	12	12	6
Média por mesorregião	9	5	3	2

FONTE: OCB.
FECOTRIGO.

A participação do Estado nessas questões, interagindo na formação e no desenvolvimento da agricultura, representou um elo de ligação do qual as cooperativas de produção foram dependentes sob vários aspectos. Os incentivos do Estado, mais precisamente em relação às políticas de crédito rural, vieram ao encontro dos produtores e do desenvolvimento das cooperativas, porém introduziram a questão do endividamento como um resultado desse crescimento.

Pode vir a atenuar a ambivalência dessa questão, desde a Constituição Federal de 1988, o fato de que as mudanças relacionadas à dependência das cooperativas frente ao Estado obrigaram o sistema a um esforço de organização e de integração sob a forma da autogestão. Pela Constituição, foi dada

autonomia ao sistema cooperativista brasileiro: "A criação de associações de cooperativas independe de autorização, sendo vedada a interferência estatal em seu funcionamento". Esse texto introduziu um processo de mudanças que transferiu às cooperativas a responsabilidade de se autoconduzirem, cabendo ao Estado uma política agrícola que visasse abrir mercados e às cooperativas buscarem melhoria contínua de produtividade. Com essa legislação, foram enfatizadas, dentre outros, a organização do quadro social, com o fim de reativar a participação do cooperado, a integração horizontal entre as cooperativas, principalmente as de um mesmo segmento, e a autonomia financeira. Esta última destacada através da proposta de criação de um banco central do Sistema Cooperativo de Crédito.

2 - Indicadores da expressão regional do cooperativismo no Estado

Dentre os indicadores de desenvolvimento das cooperativas de produção no Rio Grande do Sul, utilizaram-se as receitas e o volume de produção comercializada no Estado, tendo em vista que representam o resultado das operações comerciais e o potencial de capitalização das mesmas no período 1980-90. Paralelamente, procurou-se avaliar a dimensão e o crescimento do cooperativismo no Estado, relacionando-se esses indicadores com o desempenho da economia regional no mesmo período.

Admitindo-se, como já colocado no item anterior, que o segmento das cooperativas de produção segue a dinâmica do setor agrícola, utilizou-se como indicador de crescimento o Produto Interno Bruto (PIB) do setor agropecuário por mesorregião e para o total do Estado. Relacionou-se esse agregado com a produção física comercializada pelas cooperativas por mesorregião, visto a importância desse segmento na economia do Estado — **em média, 40% do volume dos principais produtos da lavoura tem como destino as cooperativas.**

Analisando-se o índice do Produto real da agropecuária entre 1980 e 1990, constatou-se um crescimento mais significativo desse indicador em relação ao setor industrial (Indic. Econ. FEE, 1994). Entretanto, apesar desse desempenho, o setor agrícola perdeu participação no total do PIB do Estado, passando de 15% em 1980 para 11% em 1990, demonstrando o efeito da crise econômica na estrutura de valor do setor.

Por extensão, o mesmo desempenho aconteceu a nível da capacidade de geração de receitas das cooperativas no Estado. Conforme os dados da OCB para os anos de 1982 e 1988, houve um decréscimo nos valores totais de 5% no período, sendo as vendas da produção e o fornecimento de bens de produção os itens de receita responsáveis por essa queda, registrando uma perda de 5,10% e 31,74% respectivamente. Já a prestação de serviços, o

fornecimento de bens de consumo (supermercado) e outras receitas aumentaram, caracterizando uma mudança no perfil de receitas (Tabela 5).

Sobre o decréscimo no montante dessas receitas, pode-se concluir que os preços do principal item, vendas da produção, tenderam a ficar abaixo dos índices gerais da economia, já que a produção física apresentou crescimento estável nesse período. Merece atenção também que o setor agrícola demonstrou uma relação de troca desfavorável em vários anos (Tabela 8), o que implica, igualmente, uma perda de remuneração para os produtores.

Analisando-se por outro lado os indicadores por mesorregiões, através da participação do setor agropecuário no PIB e no volume físico dos principais produtos comercializados pelas cooperativas, é conferido à Noroeste Rio-Grandense, no período 1980-90, uma importância absoluta no conjunto da agropecuária gaúcha, representando 40% do PIB agrícola em 1990. A importância econômica dessa mesorregião deve ser atribuída, em boa parte, à sua significativa participação na produção física total do RS, representando grande parte do valor bruto da produção agrícola no Estado. Apesar disso, como mostra a Tabela 4, houve uma queda na participação desse setor no PIB dessa mesorregião, passando de 30% para 26%. Traçando um paralelo desses resultados com a relação entre a produção física comercializada pelas cooperativas e o total produzido nessa mesorregião, reconhece-se a importância das cooperativas. Conforme a pesquisa **Informações Sócio-Econômicas**, da FEE (1991), sobre os principais produtos da agropecuária do RS, e os dados disponíveis de volume comercializado pelas cooperativas no ano de 1988, constata-se uma tendência de participação no volume físico de 78% para o arroz, de 73% para a soja, de 100% para o trigo e de 32% para o feijão. Na produção animal, estima-se que foram comercializados 30% do leite, 23% de carnes suínas e 28% das aves — acrescentando-se outros que, embora tenham menor expressão, fizeram parte dos 15 mais importantes produtos do Estado (Tabela 6).

Na Mesorregião Nordeste, por sua vez, estão estabelecidas 20% do total das cooperativas de produção no Estado, e, igualmente, o Produto do setor agropecuário em relação ao PIB dessa mesorregião caiu no período, passando de 14% para 11%. Nessa mesorregião, são desenvolvidas atividades específicas, como criação de gado leiteiro, de suínos, produção de matrizes e de aves e cultivo da uva, cuja produção se direciona exclusivamente às cooperativas vinícolas. Conforme a pesquisa, as cooperativas participam no total do volume físico com 63% de soja da mesorregião, 80% de trigo e 8% de laticínios.

Já as participações do Produto da agropecuária no PIB das Mesorregiões Centro Ocidental e Oriental Rio-Grandense também apresentaram uma diminuição em suas posições relativas de 14% para 11% e de 28% para 24%. A participação de unidades de cooperativas nessas mesorregiões é de 10% e 6% do total respectivamente, com forte influência na comercialização do arroz, da soja e do trigo, onde a Mesorregião Centro Oriental Rio-Grandense se destaca também pela produção de laticínios, suínos e aves.

Tabela 4

Produto Interno Bruto a custo de fatores (PIBcf) da agropecuária e total, por mesorregiões, do Rio Grande do Sul - 1980 e 1990

MESORREGIÕES	1980			
	Agropecuária		Total do PIB (US\$ 1 000) (B)	A/B (%)
	Valor (US\$ 1 000) (A)	%		
Noroeste Rio-Grandense	1 012 345	38	3 424 083	30
Nordeste Rio-Grandense	226 924	8	1 670 538	14
Centro Ocidental Rio-Grandense	188 043	7	681 196	28
Centro Oriental Rio-Grandense	268 592	10	1 135 809	24
Metropolitana de Porto Alegre	314 236	12	8 248 721	4
Sudoeste Rio-Grandense	401 438	15	1 265 912	32
Sudeste Rio-Grandense	284 311	11	1 454 747	20
Total do Estado	2 695 889	100	17 881 072	15

MESORREGIÕES	1990			
	Agropecuária		Total do PIB (US\$ 1 000) (B)	A/B (%)
	Valor (US\$ 1 000) (A)	%		
Noroeste Rio-Grandense	1 401 187	40	5 321 969	26
Nordeste Rio-Grandense	364 914	10	3 471 110	11
Centro Ocidental Rio-Grandense	240 906	7	1 003 253	24
Centro Oriental Rio-Grandense	372 197	11	2 206 939	17
Metropolitana de Porto Alegre	399 036	11	16 074 915	2
Sudoeste Rio-Grandense	404 044	12	1 665 914	24
Sudeste Rio-Grandense	294 016	8	2 238 858	13
Total do Estado	3 479 134	100	31 982 969	11

FONTE: NCR/FEE: Produto Interno Bruto (PIBcf) Municipal 1980-1990.
NEA/FEE.

A Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, bastante heterogênea, de produção agrícola diversificada e níveis de industrialização elevados, teve reduzida em 50% sua posição relativa no PIB (Tabela 4). O número de cooperativas representa 16% do total existente no Estado, e a relação entre os produtos comercializados pelas cooperativas com os apurados pela pesquisa dos principais produtos no Estado conferem ao arroz, à uva, à batata e ao caqui os maiores percentuais.

O setor agrícola das Mesorregiões Sudoeste e Sudeste Rio-Grandense também responde por perdas significativas em sua participação no PIB, ao passar de 32% para 24% e de 20% para 13% respectivamente. O número de cooperativas que atendem a essas mesorregiões é reduzido, perfazendo, em média, 6% do total do Estado. Na Mesorregião Sudeste, concentra-se o maior volume de produção e de comercialização de arroz irrigado, produzindo também laticínios e lãs. Quanto à Mesorregião Sudoeste Rio-Grandense, apesar de deter 70% da produção de carne bovina no Estado, suas cooperativas participam na comercialização com apenas 1% da produção.

Nesse quadro, em que a participação do Produto do setor agropecuário diminuiu em relação ao PIB observado em todas as mesorregiões e onde as quantidades de grãos produzidas foram em média, mantidas constantes nesse período, pode-se atribuir à questão dos preços uma das razões para esses resultados negativos. De igual forma, as receitas das cooperativas sofreram essas influências quando da comercialização de seus produtos.

Tabela 5

Faturamento das cooperativas de produção, segundo as fontes de receita, no Rio Grande do Sul - 1982 e 1988

FONTES DE RECEITA	1982 (Cz\$)	1988 (Cz\$)	Δ% 1988/1982
Venda da produção	268 316 597 019,06	254 634 339 463,36	-5,10
Prestação de serviços	4 460 355 385,92	6 063 595 880,40	35,94
Fornecimento de bens de produção	56 880 686 520,64	38 844 263 618,85	-31,71
Fornecimento de bens de consumo	23 884 290 021,61	26 019 489 508,20	8,94
Outras receitas	12 939 302 818,59	22 747 272 463,72	75,80
Total das receitas	366 481 231 765,82	348 308 960 934,53	-4,96

FONTE: COOPERATIVISMO; panorama brasileiro. (1982, 1988). Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras.

NOTA: Origem das receitas: venda da produção (produção comercializada pela cooperativa), prestação de serviços (receita em serviços prestados pela cooperativa), fornecimento de bens de produção (bens de produção comercializados pela cooperativa), fornecimento de bens de consumo (supermercado) e outras receitas (receitas não discriminadas).

Tabela 6

Participação da produção comercializada pelas cooperativas de produtores rurais na produção física dos principais produtos agrícolas, por mesorregiões, no Rio Grande do Sul - 1988

a) Noroeste Rio-Grandense, Nordeste Rio-Grandense e Centro Ocidental Rio-Grandense

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS	NOROESTE RIO-GRANDENSE		NORDESTE RIO-GRANDENSE		CENTRO OCIDENTAL RIO-GRANDENSE	
	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)
Vegetal						
Arroz						
Cooperativa	17 310	77,77	-	-	72 745	17,70
RS	22 259		27		410 911	
Milho						
Cooperativa	86 645	6,94	2 634	1,40	3 118	1,99
RS	1 248 800		188 806		156 439	
Soja						
Cooperativa	1 284 029	72,87	35 025	62,55	134 431	89,43
RS	1 762 107		55 997		150 328	
Trigo						
Cooperativa	900 554	155,90	14 279	79,79	31 682	147,47
RS	577 655		17 895		21 483	
Sorgo						
Cooperativa	1 009	25,79	-	-	460	10,50
RS	3 913		-		4 380	
Laranja						
Cooperativa	20 228	26,51	-	-	-	-
RS	76 308		26 727		59 530	
Uva						
Cooperativa	351	1,59	731	0,23	-	-
RS	22 130		324 348		7 346	
Batata-inglesa						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	30 582		55 826		23 229	
Aveia						
Cooperativa	974	1,09	534	4,07	51	0,51
RS	89 409		13 110		10 000	
Cevada						
Cooperativa	12 549	26,17	272	7,22	-	-
RS	47 953		3 768		-	
Caqui						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	518		2 381		302	
Feijão						
Cooperativa	12 405	32,42	116	12,66	2 901	47,03
RS	38 264		916		6 169	
Fumo						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	5 013		6 384		19 995	
Animal						
Leite tipo C						
Cooperativa(1)	192 308 206	29,74	14 923 461	7,60	439 938	0,25
RS (1)	646 555 000		196 476 000		179 039 000	
Suínos						
Cooperativa	39 624	22,65	-	-	-	-
RS	174 922		27 384		28 391	
Aves						
Cooperativa	7 529	27,95	-	-	-	-
RS	26 936		36 903		12 728	
Bovinos						
Cooperativa	3 208	0,58	273	0,13	1 059	0,26
RS	552 610		212 394		407 104	
Ovinos						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	8 384		2 674		13 002	
Lãs						
Cooperativa	-	-	-	-	149	8,60
RS	1 039		294		1 733	

Tabela 6

Participação da produção comercializada pelas cooperativas de produtores rurais na produção física dos principais produtos agrícolas, por mesorregiões, no Rio Grande do Sul - 1988

b) Centro-Oriental Rio-Grandense, Metropolitana de POA e Sudoeste Rio-Grandense

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS	CENTRO-ORIENTAL RIO-GRANDENSE		METROPOLITANA DE POA		SUDOESTE RIO-GRANDENSE	
	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)
Vegetal						
Arroz						
Cooperativa	47 070	22,64	50 692	7,25	472 484	32,91
RS	207 861		698 914		1 435 795	
Milho						
Cooperativa	1 559	2,09	41	0,03	1 691	2,43
RS	74 745		138 939		69 655	
Soja						
Cooperativa	18 706	26,88	133	1,31	15 679	22,64
RS	69 590		10 135		69 242	
Trigo						
Cooperativa	6 132	63,15	-	-	34 506	-
RS	9 710		-		-	
Sorgo						
Cooperativa	-	-	-	-	28 320	15,54
RS	960		6 000		182 252	
Laranja						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	13 646		165 364		13 788	
Uva						
Cooperativa	-	-	649	6,94	-	-
RS	-		9 355		5 556	
Batata-inglesa						
Cooperativa	-	-	5 810	10,59	-	-
RS	-		54 870		250	
Aveia						
Cooperativa	-	-	-	-	220	6,29
RS	-		-		3 500	
Cevada						
Cooperativa	-	-	-	-	-	-
RS	2 256		-		2 800	
Caqui						
Cooperativa	-	-	15	7,21	-	-
RS	-		208		-	
Feijão						
Cooperativa	7 757	57,82	-	-	17	2,91
RS	13 416		4 207		585	
Fumo						
Cooperativa	1 486	1,98	-	-	-	-
RS	75 055		28 568		-	
Animal						
Leite tipo C						
Cooperativa(l)	33 990 573	89,67	4 178 404	1,96	11 487 010	12,59
RS (1)	37 907 000		212 740 000		91 211 000	
Suínos						
Cooperativa	12 480	46,16	539	1,65	-	-
RS	27 037		32 575		8 835	
Aves						
Cooperativa	9 148	48,83	4	0,01	-	-
RS	18 733		47 767		1 099	
Bovinos						
Cooperativa	992	0,92	659	0,28	41 127	0,93
RS	107 446		233 282		4 413 732	
Ovinos						
Cooperativa	-	-	27	0,51	6 526	5,66
RS	3 114		5 342		115 324	
Lãs						
Cooperativa	-	-	-	-	2 141	12,37
RS	229		493		17 304	

Tabela 6

Participação da produção comercializada pelas cooperativas de produtores rurais na produção física dos principais produtos agrícolas, por mesorregiões, no Rio Grande do Sul - 1988

c) Sudoeste Rio-Grandense e Total

PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS	SUDESTE RIO-GRANDENSE		TOTAL	
	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)	Produção (t)	Cooperativas/RS (%)
Vegetal				
Arroz				
Cooperativa	271 253	27,74	931 554	24,82
RS	977 845		3 753 612	
Milho				
Cooperativa	2 018	1,50	97 706	4,86
RS	134 565		2 011 949	
Soja				
Cooperativa	11 651	23,28	1 499 654	69,19
RS	50 046		2 167 445	
Trigo				
Cooperativa	4 852	179,70	992 005	157,60
RS	2 700		629 443	
Sorgo				
Cooperativa	433	6,54	30 222	14,81
RS	6 620		204 125	
Laranja				
Cooperativa	-	-	20 228	5,38
RS	20 396		375 759	
Uva				
Cooperativa	-	-	1 731	0,47
RS	322		369 057	
Batata-inglesa				
Cooperativa	-	-	5 810	2,04
RS	120 512		285 269	
Aveia				
Cooperativa	-	-	1 779	1,53
RS	577		116 596	
Cevada				
Cooperativa	-	-	12 821	21,37
RS	3 230		60 007	
Caqui				
Cooperativa	-	-	15	0,44
RS	-		3 409	
Feijão				
Cooperativa	384	5,11	23 580	33,18
RS	7 513		71 070	
Fumo				
Cooperativa	-	-	1 486	0,94
RS	13 337		158 352	
Animal				
Leite tipo C				
Cooperativa(1)	24 593 366	22,57	281 920 958	19,14
RS (l)	108 944 000		1 472 872 000	
Suínos				
Cooperativa	-	-	52 643	16,53
RS	19 271		318 415	
Aves				
Cooperativa	973	32,03	17 654	11,99
RS	3 038		147 203	
Bovinos				
Cooperativa	-	-	47 318	0,74
RS	455 783		6 382 351	
Ovinos				
Cooperativa	-	-	6 553	3,32
RS	49 532		197 371	
Lã				
Cooperativa	3 491	49,62	5 781	20,55
RS	7 035		28 127	

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BOLETIM INFORMATIVO MENSAL (1991). Porto Alegre: Instituto Sul-Rio-Grandense de Carnes, jan./ago. INFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS (1988). Resumo municipal. Porto Alegre: FEE/ISE.

PRODUÇÃO comercialização pelas Cooperativas de Produtores Rurais do Rio Grande do Sul no exercício de 1988 (1988). São Leopoldo: UNISINOS/Banco de Dados das Sociedades Cooperativas do Rio Grande do Sul. FGV - Balanço e Disponibilidade Interna de Gêneros Alimentícios de Origem Vegetal - 1986, 1990 e 1991.

NOTA: Conforme o Relatório da OCERGS de 1991, o número de associados nas cooperativas nesse ano repete o verificado em 1988.

(1) Em litros.

3 - O estágio atual das cooperativas no processo agroindustrial

O desenvolvimento da agricultura e sua inclusão no processo agroindustrial representam, igualmente, a fase atual em que muitas cooperativas se situam. Apesar de deterem parcela considerável da produção primária, ou seja, da matéria-prima necessária ao processo de agroindustrialização, as cooperativas apresentam um desempenho pouco expressivo nesse setor de transformação.

Os dados referentes às cooperativas filiadas à OCB que desenvolveram algum tipo de beneficiamento e/ou transformação entre 1982-88 apresentam um destaque maior para as unidades agroindustriais de soja, de laticínios, de carnes e para as vinícolas. Conforme os dados da Tabela 7, a maior parte das plantas agroindustriais foram desenvolvidas a partir da soja, desde a produção de insumos agrícolas, como rações e concentrados, até o beneficiamento da matéria-prima, esmagamento e refino de óleo. Outras fontes importantes de utilização de matéria-prima são as vinícolas, assim como as agroindústrias de laticínios e os abatedouros.

Conforme a distribuição das cooperativas por mesorregiões, pode-se localizar as que desenvolvem algum tipo de beneficiamento e/ou transformação. Para apresentar o *ranking* das principais, utilizaram-se informações contábeis a respeito do dinamismo das mesmas na geração de receitas. Estratificaram-se as 10 maiores, por representarem 75% do total das receitas e 58% do total dos associados das cooperativas no ano de 1988, apontando aquelas que realizam algum tipo de atividade integrada com a indústria (Quadro 1).

Tabela 7

Número de agroindústrias cooperativadas no Rio Grande do Sul - 1982 e 1988

DISCRIMINAÇÃO	1982	1988	DISCRIMINAÇÃO	1982	1988
Destilarias			Leite em pó	5	3
Álcool	-	1	Queijos	-	6
Abatedouros			Moinhos		
Aves	-	3	Milho	2	17
Bovinos	-	21	Óleos		
Suínos	-	13	Esmagamento	5	4
Fertilizantes			Refino	1	1
Elementos simples .	-	1	Óleo de tungue	3	-
Misturadores	-	1	Trigo	-	-
Insumos			Óleo bruto, degomado,		
Ração	16	24	refinado	-	-
Concentrados	-	12	Farinha de trigo	3	-
Laticínios			Sucos	1	-
Leite B	-	1	Vinhos	23	23
Leite C	4	5	TOTAL	63	136

FONTE: COOPERATIVISMO; panorama brasileiro (1988). Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras.

Quadro 1

Relação das principais cooperativas de produtores rurais, por ordem crescente de receita, segundo as mesorregiões, principais produtos agropecuários, condição de agroindústria, número de associados e receita no Rio Grande do Sul - 1988

COOPERATIVAS POR MESORREGIÕES	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM VEGETAL	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM ANIMAL	ASSOCIADOS		RECEITA	
			Número	%	Valor (US\$ 1 000)	%
Total do Estado			269 634	100,00	855 040	100,00
Dez maiores			156 747	58,13	640 459	74,90
Noroeste Rio-Grandense			153 109	100,00	405 559	100,00
Dez maiores			80 671	52,69	296 941	73,22
COTRIJUI	Produção: amendoim, arroz, aveia, azevém, feijão, girassol, lentilha, milho, soja, sorgo, trigo, mudas florestais. Produtos: farelo de arroz e de soja, frutas diversas, produtos oleícolas, forragem, rações, concentrados.	Carnes e derivados de aves, suínos, bovinos e ovinos.	16 762	20,78	108 873	36,66
Triticola Panambi	Produção: milho, soja e trigo. Produtos: rações e concentrados.	-	2 738	3,39	30 721	10,35
COTINEL	Produção: amendoim, aveia, cevada, feijão, girassol, milho, soja e trigo. Produtos: farinha e farelo de trigo, frutas diversas, produtos oleícolas.	Carnes e derivados de aves, bovinos, suínos e rações.	13 996	17,35	26 948	9,08
COTRIJAL	Produção: cevada, feijão, girassol, mudas florestais, milho, soja, sorgo e trigo. Produtos: forragem, rações e concentrados.	-	3 264	4,05	24 040	8,10
COTRICAMPO	Produção: arroz, aveia, feijão, milho, soja e trigo. Produtos: farinha e farelo de trigo, forragem, rações e concentrados.	-	9 590	11,89	22 427	7,55
COTRISAL	Produção: aveia, cevada, feijão, girassol, milho, soja, sorgo e trigo. Produtos: farinha de milho e de trigo, frutas diversas, produtos oleícolas, rações e concentrados.	-	7 437	9,22	20 556	6,92
COTRISA	Produção: aveia, girassol, milho, soja, sorgo, trigo e mudas florestais. Produtos: farinha e farelo de trigo, óleo de soja, frutas diversas, produtos oleícolas, rações e concentrados.	-	11 182	13,86	17 128	5,77
COTRIBOSA	Produção: amendoim, feijão, girassol, trigo, lentilha, milho, painço, soja e sorgo. Produtos: frutas diversas, arroz beneficiado, rações e concentrados.	-	9 371	11,62	16 504	5,56
COTRIGUZ	Produção: aveia, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.	-	3 317	4,11	16 130	5,43

(continua)

Quadro 1

Relação das principais cooperativas de produtores rurais, por ordem crescente de receita, segundo as mesorregiões, principais produtos agropecuários, condição de agroindústria, número de associados e receita no Rio Grande do Sul - 1968

COOPERATIVAS POR MESORREGIÕES	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM VEGETAL	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM ANIMAL	ASSOCIADOS		RECEITA	
			Número	%	Valor (US\$ 1 000)	%
COIRIBA	Produção: aveia, azevém, feijão, girassol, milho, soja, sorgo e trigo. Produtos: frutas diversas.	Carnes e derivados de ovinos, suínos e rações.	3 014	3,74	13 615	4,59
Nordeste Rio-Grandense			20 394	7,56	42 204	4,94
Dez maiores			15 652	100,00	36 607	100,00
COVIAL	Produtos: vitivinícolas.	-	1 435	9,17	16 628	45,42
CMILIA	Produção: arroz, aveia, centeio e cevada.	-	2 963	18,93	7 024	19,19
COAESIL	Produção: mista.	-	6 216	39,71	3 336	9,11
COOPERVAL	Produção: mista. Produtos: mudas florestais e forrageiras.	-	1 441	9,21	1 979	5,41
COVIGA	Produtos: vitivinícolas.	-	582	3,72	1 896	5,18
Vinícola São João Ltda.	Produtos: vinícolas.	-	370	2,36	1 616	4,42
Agrícola Cairu Ltda.	Produção: mista.	-	623	3,98	1 540	4,21
Viti-Vinícola Aliança Ltda.	Produtos: vitivinícolas.	-	251	1,60	986	2,69
AGROPANO	Produção: mista.	-	1 428	9,12	896	2,45
Vitivinícola Forqueta Ltda.	Produtos: vitivinícolas.	-	343	2,19	706	1,93
Centro Ocidental Rio-Grandense			23 867	8,85	54 096	6,33
Dez maiores			20 086	100,00	49 029	100,00
COFERAL	-	Carnes.	4 983	24,81	14 572	29,72
COIRISEL	Produção: arroz, aveia, feijão e girassol. Produtos: rações e concentrados.	-	4 668	23,24	10 906	22,24
AGROEAN	Produção: arroz, aveia, azevém, cevada, feijão, milho, soja, sorgo, trigo e mudas florestais. Produtos: farelo de arroz, arroz beneficiado e forrageiras.	-	1 412	7,03	6 544	13,35
COIRIOUC	Produção: arroz, aveia, azevém, feijão, centeio, milho, soja, sorgo e trigo. Produtos: farinha de milho e trigo, farelo de arroz, de milho, de soja e de trigo, mudas florestais e forrageiras.	-	1 644	8,18	5 969	12,17
CASTILHENSE	-	Carnes.	1 226	6,10	5 076	10,35
COGRUJAL	Produção: mista.	-	3 463	17,24	3 798	7,75

(continua)

Quadro 1

Relação das principais cooperativas de produtores rurais, por ordem crescente de receita, segundo as mesorregiões, principais produtos agropecuários, condição de agroindústria, número de associados e receita no Rio Grande do Sul - 1993

COOPERATIVAS POR MESORREGIÕES	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM VEGETAL	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM ANIMAL	ASSOCIADOS		RECEITA	
			Número	%	Valor (US\$ 1 000)	%
COOPSTIL	Produção: arroz beneficiado, aveia, trigo, avevém, feijão, milho e soja. Produtos: farelo de arroz.	-	556	2,77	870	1,77
COASA	Produção: arroz, soja e trigo.	-	674	3,36	825	1,68
COOSERTÃO	Produção: arroz, milho, soja e trigo.	-	250	1,24	244	0,50
COMJAL	Produção: mista.	-	1 210	6,02	225	0,46
Centro Oriental Rio-Grandense			19 256	7,14	43 124	5,04
Dez maiores COOSUEL	Produção: arroz, soja e trigo. Produtos: concentrados, doces de frutas e arroz beneficiado.	Carnes e derivados de suínos, e aves, concentrados.	18 175	100,00	42 872	100,00
			6 408	35,26	17 330	40,42
COOLAN	-	Carnes.	5 948	32,73	14 249	33,24
COIRISUL	Produção: amendoim, arroz, aveia, feijão, lentilha. Produtos: frutas diversas, forragem e tabaco.	Carnes e derivados de bovinos.	3 072	16,90	4 412	10,29
CARPL	Produção: mista.	-	472	2,60	3 749	8,74
COIRIGAN	Produção: arroz beneficiado, feijão, milho, soja e trigo.	-	522	2,87	1 071	2,50
COIRICASUL	Produção: arroz, cevada, milho, soja, sorgo e trigo.	-	360	1,98	1 054	2,46
COMITAL	Produção: arroz, avevém, girassol, milho, soja e trigo. Produtos: arroz beneficiado, rações e concentrados.	-	1 393	7,66	1 007	2,35
Metropolitana de Porto Alegre			5 635	2,09	18 346	2,15
Dez maiores COOPERSEMENTES	Produção: rizícola.	-	5 036	100,00	18 221	100,00
			45	0,89	10 478	57,51
Rizícola Santo Antônio Ltda.	Produção: rizícola.	-	-	-	3 080	16,90
CAERJL	Produção: mista.	-	4 060	80,62	1 445	7,93
COFARCOZ	Produção: rizícola.	-	84	1,67	1 272	6,98
COORIZCA	Produção: rizícola.	-	41	0,81	1 067	5,85
COORIZOL	Produção: rizícola.	-	99	1,97	652	3,58
Laticínios General Neto Ltda.	-	Laticínios.	121	2,40	80	0,44
Agrícola Banhado do Colégio	Produção: rizícola.	-	101	2,01	79	0,44
COLASA	-	Laticínios.	330	6,55	49	0,27

(continua)

Quadro 1

Relação das principais cooperativas de produtores rurais, por ordem crescente de receita, segundo as mesorregiões, principais produtos agropecuários, condição de agroindústria, número de associados e receita no Rio Grande do Sul - 1988

COOPERATIVAS POR MESORREGIÕES	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM VEGETAL	PRODUÇÃO E PRODUTOS INDUSTRIALIZADOS DE ORIGEM ANIMAL	ASSOCIADOS		RECEITA	
			Número	%	Valor (US\$ 1 000)	%
COOPRAIER	-	-	155	3,08	20	0,11
Sudeste Rio-Grandense			25 184	9,34	221 121	25,86
Dez maiores			17 127	100,00	196 789	100,00
VAIURUCUAI	Produção: arroz, aveia, avevém e centeio. Produtos: forrageiras.	Carnes e derivados de bovinos.	1 641	9,58	46 659	23,81
GMIL	Produção: rizícola.	-	410	2,39	30 859	15,68
CEBAGELA	-	Lãs.	4 920	28,73	27 938	14,20
CICADE	-	Carnes.	1 371	8,00	18 699	9,50
COBERLAN	-	Lãs.	845	4,93	18 421	9,36
CAVAL	Produção: arroz beneficiado, aveia, avevém, milho, soja e trigo. Produtos: favelo de arroz e trigo e forrageiras.	-	1 019	5,95	17 410	8,85
CAUL	Produção: rizícola.	-	173	1,01	10 756	5,47
LANFINA	-	Carnes.	3 991	23,30	10 094	5,13
Agrícola Inenbuy Ltda.	Produção: rizícola.	-	156	0,91	8 449	4,29
CORUGAL	-	Carnes.	2 601	15,19	7 304	3,71
Sudeste Rio-Grandense			22 189	8,23	70 591	8,26
Dez maiores			22 078	100,00	70 156	100,00
CAESUL	Produção: rizícola.	-	175	0,79	31 482	44,87
COSULA	-	Lãs.	4 047	18,24	16 320	23,26
COPAIMAR	-	-	143	0,64	6 606	9,42
CCSULATI	-	Leite pasteurizado, manteiga, doce de leite, queijos e leite em pó.	9 490	42,77	5 669	8,08
COTRISUL	Produção: mista.	-	2 323	10,47	3 986	5,68
CASULA	Produção: rizícola.	-	1 352	6,09	2 506	3,57
COOPAMES	-	Lãs.	2 268	10,22	1 097	1,56
COVILAN	Produção: rizícola.	-	845	3,81	1 027	1,46
COTRENSUL	Produção: arroz, aveia, feijão, soja e trigo.	-	434	1,96	936	1,33
COMILAN	Produção: arroz.	-	1 001	4,51	529	0,75

FONTES: Produção comercialização pelas cooperativas de Produtores Rurais do Rio Grande do Sul no exercício 1988 (1988). São Leopoldo: UNISINOS/Banco de Dados das Sociedades Cooperativas do RGS.
CATÁLOGO VEFOE: catálogo comercial de produtos e serviços das cooperativas do sistema FECDIRIG, Centrais, Federações e empresas coligadas (1990). Porto Alegre: FUNCCOP/FECDIRIG.

Na Mesorregião Noroeste, onde se concentram 47% e 57% do total das receitas e do número de associados respectivamente, é expressivo o número das cooperativas ligadas às atividades de transformação e/ou beneficiamento. Observando-se o grupo selecionado das 10 maiores receitas (73%), constata-se uma maior expressão nas atividades de industrialização de produtos de origem vegetal, como farinha de milho e trigo; farelo de soja e arroz; em larga escala, o esmagamento de soja e o refino de seu óleo; forrageiras; rações; e concentrados. Identificaram-se como as quatro maiores cooperativas do grupo acima a Regional Triticola Serrana (COTRIJUÍ), a Triticola Panambi, a Triticola Erechim (COTREL) e a Triticola Mista Alto Jacuí (COTRIJAL).

A Mesorregião Nordeste Rio-Grandense é responsável por 5% do total das receitas do Estado, detendo 8% do número de associados. No grupo das 10 maiores em termos de faturamento (87%), a maioria desenvolve atividades de industrialização de produtos vegetais, tendo expressividade as vitivinícolas. As principais desse grupo são a Vinícola Aurora (COVIAL) em Bento Gonçalves, a Triticola Mista Vacariense (COPERVAL) em Vacaria, a Vinícola Garibaldi (COVIGA) e, em Farroupilha, a Vinícola São João e a Viti-Vinícola Aliança.

A Mesorregião Centro Ocidental detém 6% do total das receitas do Estado, reunindo 9% dos associados. No grupo das 10 maiores cooperativas em condição de agroindústria (91%), estão a Rural Santiaguense (COPERAL), de industrialização de carnes, beneficiamento de grãos e forrageiras, a Triticola Sepeense (COTRISEL) de São Sepé, a Agrícola Tupanciretã (AGROPAN), de beneficiamento de grãos, assim como a Triticola de Júlio de Castilhos (COTRIJUC) e a Regional Castilhense de Carnes e Derivados (CASTILHENSE).

A Mesorregião Centro Oriental concentra 5% do total das receitas e 7% do total de associados das cooperativas no Estado. No grupo selecionado (99%), estão a Suinocultores de Encantado (COSUEL), a Regional Agropecuária Languiru (COOLAN), a Triticola Super (COTRISUL) de Sobradinho, todas voltadas a atividades diversificadas na produção de origem vegetal e animal, com exceção da cooperativa Languiru que é exclusivamente de carnes. Em ordem de maiores receitas inclui-se a Agrícola Mista de Taquari (COMITAL), que se restringe à produção industrializada de grãos, rações e concentrados.

Na Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre, apenas 2% das cooperativas detêm as maiores receitas e 2% do total dos associados no Estado. As informações sobre as 10 maiores em faturamento (99%) com algum nível de industrialização conferem participação apenas às cooperativas Laticínios General Neto no Município de Barão e Laticínios São Vendelino (COLASA) no Município de São Vendelino.

A Mesorregião Sudoeste Rio-Grandense detém 26% das receitas e 9% do total dos associados das cooperativas no Estado. No grupo das principais cooperativas em termos de faturamento (89%), a maioria desenvolve atividades produtivas de origem animal, como a Lã do Vale (VALURUGUAI), de industrialização de carnes e derivados bovinos; a Bageense Mista de Lã

(COBAGELA), de beneficiamento de lãs; a Industrial Regional de Carnes e Derivados (CICADE), a Lãs Quaraí (COPERLAN) e a Agroindustrial Alegrentense (CAAL), de arroz beneficiado, farelo de trigo e de arroz e forrageiras.

Na Mesorregião Sudeste, a participação das receitas e o número de associados das cooperativas do Estado é da ordem de 8%. No grupo das 10 maiores (99%) e que desenvolvem atividades agroindustriais, estão a Região Sudeste Produtora de Lãs (COSULA) em Santa Vitória do Palmar, a Sul Rio-Grandense de Laticínios (COSULATI) em Pelotas e a Agropecuária Mista de Encruzilhada do Sul (COOPAMES) de São Lourenço do Sul.

Analisando-se os resultados, verifica-se que a melhor distribuição de receitas ocorre nas cooperativas da Mesorregião Noroeste, visto a participação de um grande número de associados (57%). Já a maior concentração se dá nas cooperativas da Mesorregião Sudoeste, onde apenas 9% dos associados realizam um faturamento três vezes maior do que o observado na Mesorregião Noroeste. A ocupação diferenciada das agroindústrias cooperativas nessas mesorregiões confirma a dinâmica concentradora dos grandes latifúndios do Estado.

Quanto aos resultados da análise do Produto do setor agropecuário em relação ao total do PIB do Estado no período 1980-90, eles permitem afirmar a perda desse setor em relação ao espaço ocupado pela indústria e pelos serviços. Em todas as mesorregiões, ocorreu uma variação negativa do valor agregado, visto os percentuais decrescentes de participação que são observados na Tabela 4. Esses resultados introduzem, por um lado, as questões conjunturais dos preços agrícolas, observadas no item anterior; por outro, mesmo que o setor agropecuário e as cooperativas, por extensão, ocupem posições razoáveis em algumas mesorregiões, estes desenvolvem relações de "dependência" em função de sua inserção no processo agroindustrial. Uma vez que os produtores associados às cooperativas passaram a depender da agroindústria para a compra de seus insumos e para a venda de sua produção, tornaram-se subordinados a esse capital de forma indireta. Essas afirmações permitem deduzir a falta de integração do sistema cooperativista no sentido de um aproveitamento interno de suas potencialidades, bem como de sua subordinação ao setor agroindustrial, que determina as condições de produção agrícola e, por fim, se apropria dos resultados obtidos.

Com os resultados pouco satisfatórios do Produto e das receitas, torna-se necessário, como solução, um caminho via agroindustrialização das cooperativas, com a melhoria nos atuais níveis de utilização das matérias-primas. Ao invés de ser a produção vendida, em sua maioria, *in natura*, poderá ser utilizada para consolidar o parque industrial das cooperativas no setor de alimentos, gerando maior agregação de valor. Entre os fatores pelos quais a agroindústria aumenta a renda rural, segundo Lauschner, estão a redução das perdas da colheita e das oscilações dos preços, a ampliação do mercado consumidor a partir da diversificação dos produtos para o consumo final; o aumento da produtividade comercial rural, ao adquirir os produtos diretamente do produtor

e colocá-los no mercado consumidor; o aumento da produtividade creditícia, à medida que os recursos financeiros encontram na agroindústria planos integrados de desenvolvimento agropecuário; e, enfim, redução dos custos do transporte a partir da transformação nas próprias fontes de produção. Como vantagem comparativa do cooperativismo sob a ótica do complexo agroindustrial, inclui-se, basicamente, a sua forma de organização, com uma maior eficiência na coordenação da cadeia produtiva, possibilitando, assim, uma transferência mais clara de preços, circunstâncias adequadas, informações, etc. Considerou-se relevante para o cumprimento disso o fato de as cooperativas estarem filiadas a federações e a centrais, revelando o nível de organização e possibilidades de viabilização da coordenação da cadeia desde o produtor rural até o processamento eficiente da matéria-prima e a industrialização de produtos.

Tabela 8

Comportamento do Índice de Preços Recebidos (IPR) e do Índice de Preços Pagos (IPP) no Rio Grande do Sul - 1982-88

MÉDIAS ANUAIS	IPR/IPP
1982	0,710911
1983	0,711261
1984	0,896138
1985	1,010603
1986	1,046046
1987	0,846819
1988	1,084941

FONTE: CONJUNTURA ECONÔMICA (1982/1989). Rio de Janeiro: FGV.

NOTA: Base: 1989 = 100.

Considerações finais

O cooperativismo é uma forma menos excludente de inserção econômica, se comparado com as camadas de produtores rurais não cooperativadas, no que tange à produção e à apropriação. Paralelamente à posição ocupada por esse segmento de produtores agrícolas, existe um processo de esgotamento e de exclusão social da população rural, de meeiros e de parceiros e que abrange a maior parte da população rural no Estado. No período 1980-90, houve um forte movimento de evasão da população rural no Estado. O maior

fluxo ocorreu nas Mesorregiões Metropolitana, Sudoeste e Sudeste Rio-Grandense, sendo compreensível o da primeira, por ser basicamente uma região voltada às atividades da indústria e dos serviços. Quanto às outras, a questão básica reside na exclusão da maior parte da população das possibilidades de trabalho e das demais formas de vida social, que se estabelecem a partir das resistências dos latifúndios a outras formas de produção e/ou comercialização, como empresas rurais, agroindústrias cooperativadas, etc.

Nesse contexto, tornam-se relevantes os níveis de concentração das cooperativas observados principalmente nas Mesorregiões Noroeste e Nordeste Rio-Grandense. A relação ocorrida entre população e associados representou um indicativo do potencial do sistema cooperativado, que expressou, principalmente na Mesorregião Noroeste, a sua maior força de organização econômica e social, pois, a cada 12 pessoas ou, ainda, a cada duas famílias, uma é diretamente vinculada ao sistema, sendo igualmente alto o potencial do cooperativismo, que, em média, chega a 3.062 associados por cooperativa.

Pode-se dizer, no entanto, que o cooperativismo agrícola no Rio Grande do Sul se encontra ainda muito restrito frente aos setores mais dinâmicos do complexo agroalimentar. Essa situação é reforçada não só pela diminuição de políticas públicas voltadas para o setor rural como, também, pela diminuição de interesse dos produtores nesse tipo de associação. Mesmo que os movimentos de modernização e de industrialização da agricultura, em alguns segmentos, tenham sido intensos, não levaram a uma integração das atividades agrícolas. O grau das relações intersetoriais percebidas na dinâmica das cooperativas agrícolas ficou voltado, basicamente, ao processamento das primeiras fases da transformação (produção de óleo de soja, farelo de soja, etc.). Para dinamizar o desenvolvimento agroindustrial e incrementar a inserção das cooperativas nesse processo, de uma maneira mais eficiente, em todo o sistema agroalimentar, o cooperativismo deverá utilizar eficazmente as condições de uma estrutura já existente em muitos setores, bem como diversificar as plantas agroindustriais com desenvolvimento tecnológico e de pesquisa em espaços que garantam maior poder de barganha frente aos concorrentes e força junto ao Estado.

Bibliografia

- BENETTI, Maria D. (1985). Endividamento e crise do cooperativismo empresarial do RS: análise do caso FECOTRIGO/CENTRALSUL; 1975-83. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.6, n.2.
- BENETTI, Maria D. (1992). **Origem e formação do cooperativismo empresarial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FEE. (Teses, n.5).

- CATÁLOGO VERDE: catálogo comercial de produtor e serviços das cooperativas do sistema FECOTRIGO, Centrais, Federações e empresas coligadas (1990). Porto Alegre: FUNCOOP/FECOTRIGO.
- CENSO AGROPECUÁRIO 1980-85: Rio Grande do Sul (1984, 1990). Rio de Janeiro: IBGE.
- AS COOPERATIVAS na balança comercial brasileira (1990). Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras.
- COOPERATIVISMO, panorama brasileiro (1988). Brasília: Organização das Cooperativas Brasileiras.
- CORADINI, Odacir Luis, FERREIRA, Antoniette (1981). **Agricultura cooperativas e multinacionais**. Rio de Janeiro.
- DUARTE, Laura M. G. (1990). Organização da produção rural cooperativa, no Brasil e sua inserção no sistema agroalimentar. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, UNISINOS, jul./set.
- GARCIA, Álvaro A. (1993). **Desenvolvimento a crise da agricultura gaúcha 1970-90**. Porto Alegre: FEE.
- INDICADORES ECONÔMICOS FEE (1994). Porto Alegre, v.21, n.4.
- INFORMAÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS (1991). Resumos municipais. Porto Alegre: FEE/ISE.
- LAUSCHNER, Roque (1979). **Agroindústria cooperativa com agente de modernização da empresa rural**. Ministério da Agricultura/SUPLAN/FGV-EIAP.
- LAUSCHNER, Roque (1993). **Agribusiness cooperativa e produtor rural**. São Paulo: UNISINOS.
- MONTEIRO, Maria José Cyhlar, coord. (1994). **Revisão da metodologia de cálculo dos índices setoriais agrícolas - IPP e IPR**. Brasília: IPEA. (Estudos de Política Agrícola, n.20).
- POLINO, Hector T. (1986). **El sector agropecuario y el cooperativismo en la Argentina**. Rosário: IDELCOOP/Fundación Educacional.